



## ENTREVISTA COM DANIEL CAMPOS

**EPPGFIL: Qual a sua relação com a Filosofia? Como você se interessou por essa área do saber?**

*DANIEL CAMPOS: Pra mim a filosofia é um espaço de síntese de vários interesses diversos, durante a faculdade eu estudei matemática, mas também estudei muita literatura. Depois disso, eu enveredei pelas ciências exatas como estatístico, mas sempre mantive um interesse na literatura, e como admirador, nas artes e na música; e esse interesse era tão forte que eu vivenciava como um desejo de encontrar uma forma de incorporar esses interesses às minhas atividades. Aos poucos fui descobrindo que a filosofia oferecia a possibilidade de criar esse espaço de encontro. Por um lado, minha relação com a filosofia é tensa, porque eu me sinto tencionado em várias direções tanto pela matemática, quanto pela literatura. Mas por outro lado, é uma relação de prazer lúdica e de possibilidades de ser criativo.*

*Eu me encantei quando descobri que dentro da filosofia eu poderia desenvolver meus interesses tanto no campo da matemática, das ciências exatas, quanto da literatura, das letras, da arte e até do esporte. Me interessei pela filosofia como uma atividade interdisciplinar.*

**EPPGFIL: Qual a sua concepção de Filosofia? Esta importante e difícil questão guiará a compreensão das respostas nesta entrevista. Comente acerca da ideia de Filosofia que possui.**

*DANIEL CAMPOS: Eu penso na filosofia como uma prática, não como um resultado. Em outras palavras, filosofia para mim pode ser entendida como um processo, não como um produto. Eu prefiro pensar no que significa filosofar e não propriamente no que é filosofia.*

*Posso descrever o filosofar como uma forma de investigar, com o objetivo de entender e saber viver, os problemas e questões que surgem no interior de uma comunidade inserida em múltiplos ambientes. Entender situações problemáticas requer atender contextos, ambientes, narrativas, histórias e não apenas argumentos lógicos.*

*Também requer observar e cultivar a continuidade entre saberes teóricos e práticos; entre a reflexão e ação. Neste sentido, entender vai além de conhecer ou saber.*

*Nos termos de uma das perspectivas filosóficas que têm me influenciado, a saber, o pragmatismo, saber viver requer uma coordenação crítica e reflexiva entre hábitos, ou padrões de ação, intelectuais e éticos.*

*Ao descrever o filosofar como uma prática, quero dizer que a investigação se conduz por vias controladas, mas não só por meio de argumentos lógicos, análises conceituais, descrições fenomenológicas, etc. A prática filosófica é uma atividade sustentada através do tempo que incorpora deliberadamente os padrões, critérios e valores para guiá-la e avaliá-la.*

*Segundo meu entendimento, essas são algumas formas de filosofar:*

*1. Investigação metodológica e discussão-publicação acadêmica no âmbito institucional.*

*2. Docência como prática de inquirição comunitária.*

*3. Fóruns públicos.*

*4. Diálogos e correspondência privados (eu acho que os meus melhores textos filosóficos são cartas escritas para amigas e amigos, uma forma muito valiosa de filosofar!).*

*5. Práticas corporais de meditação (para mim caminhar, nadar) ou lúdicas comunitárias (jogos, esportes).*

*6. Criação literária ou artística como procura de entendimento e sabedoria.*

*No final das contas, essas práticas (e outras que, talvez, eu não tenha identificado) fazem parte de uma vida filosófica. De fato, minha aspiração não é construir uma carreira filosófica, especialmente acadêmica, mas me esforçar por viver filosoficamente.*

**EPPGFIL: Há uma ideia recorrente de que a Filosofia é universal e, portanto, não pode ser “brasileira”, “africana”, etc. Neste contexto, podemos conceber a existência de uma “Filosofia da América Latina” ou a Filosofia faz parte de um conhecimento universal? Assim, o contexto sócio/cultural desempenharia algum papel na produção da (ou das variadas formas de se conceber a) Filosofia?**

*DANIEL CAMPOS: Quando se coloca a pergunta acerca da existência de uma filosofia da América Latina, me parece que o questionar pensa a filosofia como um produto; mas, como eu disse, para mim a filosofia é uma prática, um processo que não está finalizado. No meu entendimento, o desejo de filosofar surge no meio de nossa vivência em comunidade e essas comunidades estão inseridas em contextos ou ambientes naturais, sociais, culturais, históricos, e etc..*

*Por outro lado, eu penso que nossa perspectiva pessoal e filosófica surge no embate com o ambiente quando este se torna problemático (em termos pragmatistas, quando a experiência quebra um hábito). Então, é a partir desta experiência que começamos a filosofar. Um dos nossos ambientes chama-se América Latina, assim, haveria filosofar latinoamericano.*

*Por exemplo, há alguns anos eu moro no Brooklyn em Nova Iorque, lá minha vivência é de muitas formas a de um imigrante latinoamericano; meus hábitos culturais, sociais, éticos e intelectuais muitas vezes se chocam com o contexto estadunidense. A partir desta experiência, eu descobri minha perspectiva particular e também começo a filosofar. Um dos meus projetos filosóficos, neste momento, consiste em uma reflexão ensaística de vários aspectos desta experiência; eu considero este processo como uma forma de filosofar latinoamericana, mesmo que não seja reconhecida pela academia. Não sei se o projeto dará certo: é experimental, narrativo e reflexivo, e talvez eu não consiga criar “textos” publicáveis. Mas me interessa o processo. Estou tentando entender minha experiência e a de alguns amigos imigrantes que têm compartilhado muitos anos de vida geograficamente fora da América Latina, mas com o coração ainda vinculado com nossa comunidade.*

*Em relação à questão da universalidade na filosofia, entendo que se nosso contexto apresenta problemas concretos e particulares, na tentativa de entendê-los e tentarmos solucioná-los em comunidade podemos enveredar por vias que nos levem à generalidade teórica e a um diálogo universal. Assim, compreendo que filosofar como prática comunitária para entender e solucionar nossos problemas requer diálogo não só com outros filósofos, mas um diálogo interdisciplinar e social.*

**EPPGFIL: Em seu entendimento, a Filosofia produzida na América Latina possui alguma característica que lhe seja própria? Podemos considerar a existência de**

**uma identidade filosófica latino-americana? Em caso de resposta afirmativa, você poderia discursar sobre essas características específicas.**

*DANIEL CAMPOS: Se pensarmos em identidade como expressão ou manifestação de um ser ou de uma essência latinoamericano, eu acho que não existiria uma identidade. Entretanto, algumas tradições filosóficas latinoamericanas, representadas por pensadores como Leopoldo Zea, Octavio Paz, José Mariátegui, Arturo Roig, Enrique Dussel, dentre outros, aspiram a uma coordenação entre teoria e prática e uma coerência entre pensamento e vida. Porém, observamos, também, algumas lacunas como, por exemplo, a ausência da mulher, tanto como sujeito quanto como objeto de (auto)reflexão filosófica; a ausência do conceito de comunidade filosófica, uma vez que a filosofia é vista como um monólogo, geralmente masculino. Por isso, eu considero importante pensar ou incluir o feminismo filosófico latinoamericano como uma tradição relevante que aspira tanto a coordenação entre teoria e prática, quanto a investigação em comunidade, especificamente em relação a mulher como sujeito e objeto de investigação filosófica. Consequentemente, pensadoras desde Juana Inés de la Cruz até as contemporâneas como Rosario Castellanos, Graciela Hierro e Maria Luisa Femenías contribuíram para a colocação dessas questões no nosso filosofar latinoamericano.*

*Quero observar, também, que parte do filosofar de Octavio Paz, Juana Inés de la Cruz e Rosario Castellanos foi realizada através da literatura. De fato, o panorama às vezes estereotipado de uma filosofia latinoamericana que apenas copia ou imita a europeia, sem originalidade nem autenticidade, pode se alterar quando consideram-se a função filosófica da literatura na América Latina; as tradições intelectuais originárias da América (pensamento pré-colombiano como o expressado pela poesia Nahuatl ou pelos Códices Maias, como o livro de Chilam Balam de Chumayel); e as tradições intelectuais de resistência criadas na América Latina (como a Filosofia da Libertação).*

*Considerando todas as vias latino-americanas de procura controlada do entendimento para saber viver (ou viver bem) teríamos uma ampla tradição filosófica de Originalidade, Resistência, e Síntese.*

**EPPGFIL: Pouco se comenta sobre as ideias filosóficas de pensadores latino-americanos. A que você atribui essa situação? Ela é consequência de inexistência, falta de originalidade, ou falta de espaço para esses pensadores?**

*DANIEL CAMPOS: Primeiramente, devemos perguntar “pouco se comenta, aonde?”. Na verdade, atualmente, nas universidades estadunidenses, há um interesse crescente por estudar filosofia e pensamento latinoamericano. Isto é o resultado da presença de muitos imigrantes ou filhos de imigrantes latinoamericanos que querem aprender sobre as nossas diversas tradições filosóficas, artísticas, musicais, cinematográficas, etc.. Ironicamente, enquanto nós latinoamericanos nos ignoramos uns aos outros, no exterior podemos encontrar muito interesse em ler, entender e dialogar com o nosso filosofar em suas variadas expressões.*

**EPPGFIL: Você teria alguma indicação de autores/textos/ideias para aqueles que têm interesse em adquirir conhecimento sobre a Filosofia Latina-Americana?**

*DANIEL CAMPOS: Minha proposta para aqueles que têm interesse em conhecer a filosofia na América Latina é começar de um jeito lúdico e livre, também começar pelo amor à nossa América Latina e aos latinoamericanos, lendo algum livro de Leopoldo Zea, Graciela Hierro ou Arturo Roig, algum poema de Rosario Castellanos ou, ainda, algum ensaio de Octavio Paz, ou até assistindo algum filme como “Un lugar en el mundo” do diretor Adolfo Aristarain e simplesmente filosofar a partir dessa experiência. Ou escutar a música e refletir sobre a letra de músicas contemporâneas como, por exemplo, aquelas dos portoriquenhos Calle 13 ou dos nicaraguenses Guardabarranco.*

*Eu gostaria de sugerir que, mais do que adquirir conhecimento, o importante seria começar a filosofar com liberdade, com sentido lúdico de prazer e até de amor sobre as nossas vivências em nossos contextos e não nos restringirmos às formas tradicionais do filosofar, mas experimentar as novas formas, os novos meios. Um ótimo exemplo é o filme documentário “O Que É Filosofia?” produzido na UNESP/Marília para o III Simpósio Antonio Trajano, dirigido por Renata Silva Souza. No documentário, pessoas de várias origens étnicas e culturais, com diversas experiências de vida, respondem à pergunta o que é filosofia. As tentativas de resposta que surgem, as imagens, as expressões dos entrevistados, os sons, o que inferimos sobre quem pergunta e por que, tudo se combina para convidarmos a pensar sobre o que nós fazemos quando filosofamos. O processo de refletir juntos é mais importante do que o resultado. O fato do documentário ter sido filmado num canto da América Latina –*

*Marília – cheio de pessoas riquíssimas em experiências, mostra que podemos filosofar em nosso contexto sem pedir permissão à academia ou à tradição. Também mostra que nós, latinoamericanos, que sentimos prazer em conversar uns com os outros, e damos importância ao diálogo que possibilita nossa união, podemos desenvolver modos próprios de filosofar.*

*Finalmente, eu quero reconhecer que muitas dessas ideias simplesmente expressam o que eu tenho aprendido na interação com as pessoas aqui em Marília, participando do VIII Encontro de Pesquisa em Pós-Graduação em Filosofia da UNESP, assistindo o filme mencionado, conversando com a diretora Renata Silva Souza e sua co-roteirista Maria Amélia Carvalho, lendo o trabalho de conclusão de curso “O Pensamento Hegemônico na Filosofia” da bacharela mariliense Amanda Veloso Garcia, refletindo sobre o que é filosofar como prática com a mestra mariliense Mariana Vitti Rodrigues, e mais. De todas elas e de tantos outros e outras eu tenho aprendido muito do que eu tenho expressado aqui. Essas ideias não são minhas, mas da nossa comunidade, poderíamos dizer, da Escola Mariliense de Filosofia.*